

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

SUELI TERESINHA DA SILVA

PROJETOS DE APRENDIZAGEM:

Desenvolvendo a Autonomia em sala de aula

**Porto Alegre
2010**

SUELI TERESINHA DA SILVA

**PROJETOS DE APRENDIZAGEM:
DESENVOLVENDO AUTONOMIA EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador:
Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro**

**Tutor (a):
Celi Lutz Lindenmeyer**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Sueli Teresinha da Silva

Título: Projetos de Aprendizagem: Desenvolvendo autonomia em sala de aula

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Sob a orientação do Prof^o. Luis Carlos Bombassaro.

Aprovado em: ____/____/____

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todo dia a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho de conclusão apresenta algumas considerações sobre a experiência de estágio e a possibilidade de trabalhar com alunos de 5º ano em uma escola pública, pela primeira vez, realizando Projeto de Aprendizagem, tendo como pesquisa o desenvolvimento da autonomia dos alunos em sala de aula, através de Projeto de Aprendizagem, juntamente com o prazer de aprender o que realmente lhe interessa. Buscando questões relevantes, resolvendo conflitos durante as atividades em grupo, decidindo como o trabalho será realizado e modificando-o sempre que necessário, percebi nos ricos momentos de observação, enquanto os alunos desenvolviam a temática, a forma autônoma e criativa de encontrar soluções e possibilidades para os desafios encontrados, bem como a participação e colaboração ativa dos educandos durante todo o processo do Projeto. Dessa forma, objetiva-se refletir sobre as necessidades mais urgentes no sentido de visar uma educação que contemple o ser humano na sua totalidade, considerando, de forma mais intensa, sua autonomia no ambiente escolar, possibilitando o desenvolvimento de seres humanos cooperativos, críticos, solidários e preocupados com a construção de um mundo melhor.

Palavras chave: Projeto de Aprendizagem, Desenvolvimento da Autonomia, Alunos do 5º ano, Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work presents some considerations about experience in school training and the possibility of working with fifth-grade students of a public school carrying out a Project based-Learning for the first time, and whose research focus the development of the autonomy of these students in class, through the Project based-Learning together the enjoyment of learning which really interest to them. In search of relevant issues, in the resolution of conflicts during the activities in groups, in the decision about how the work will be carry out, and the changes that might be necessary, I realized, in the great moments of the observation while the students were developing the main theme, the autonomous and creative form of finding solutions and possibilities to the faced challenges, as well as the active participation and collaboration of the students throughout the process of the Project. Then, this work aims to reflect about the most urgent necessities in order to have an education that considers the human being in its totality, regarding, in a more intense way, its autonomy in the school environment, where there is the opportunity to develop human beings more cooperative, critical, supportive and worried about the building of a better world.

Key-words: Project based-Learning, development of the autonomy, fifth-grade students, learning.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2	EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.....	11
2.1	Início do Trabalho	13
2.2	Mudanças Observadas na Postura dos Alunos	17
3	O CONCEITO DE AUTONOMIA	19
3.1	Aprendizagem com Autonomia e a Relação Professor Aluno.....	21
3.2	Projetos de Aprendizagens no Desenvolvimento da Autonomia	25
4	O PENSAMENTO DE ALGUNS PROFESSORES SOBRE O TEMA INVESTIGADO.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	43
	ANEXO A – A PESQUISA.....	45
	ANEXO B – A ESCOLHA.....	47
	ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR.....	49

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi constatando o desenvolvimento da autonomia dos alunos, a partir do trabalho realizado com projetos de aprendizagem, observando suas atitudes, enquanto trabalhavam em grupos, a relação entre os participantes, o respeito à opinião do colega e a busca de alternativas para os desafios encontrados durante o processo de construção das atividades. Dessa forma, este trabalho será realizado buscando um aprofundamento sobre os projetos de aprendizagem com foco no desenvolvimento da autonomia.

Este trabalho aborda a autonomia como fator principal, juntamente com a colaboração e a criatividade, para a busca da construção do conhecimento. Os Projetos de Aprendizagens tornam possíveis as participações ativas do educando, no exercício do pensar para a construção do conhecimento, assim fala Gadotti (1990, p.16):

A participação é fundamental para a construção do conhecimento. Permite a interação entre educadores e educandos no exercício do pensar, contribuindo assim, para a formação de indivíduos que reflitam autonomamente e possam exercer melhor sua cidadania.

O estudo procura ainda relatar o crescimento cognitivo vivenciado pelos docentes a partir das questões, pesquisas e apropriações das novas tecnologias para a realização do trabalho, numa turma de 5º ano com idade média de dez anos, sendo apenas dois alunos repetentes, em uma escola pública na periferia da cidade de Novo Hamburgo, através da minha experiência de estágio.

Quando iniciei o ano letivo, percebi que os alunos estavam sedentos por novidades, demonstrando, muitas vezes, insatisfação no trabalho que deveriam realizar, cansados pela rotina da educação tradicional. Baseando-me num ponto de vista construtivista, pensei no conceito de construção de conhecimento e busquei estratégias para a aprendizagem dos sujeitos nos vários espaços da escola: pátio, sala de informática, biblioteca etc. Pensando, ainda, no papel do professor como facilitador, como destaca Hernández (1998), tentei construir uma relação educativa de colaboração, no qual professor e aluno busquem a aprendizagem.

Os Projetos de Aprendizagem tornam possíveis as trocas de informações e experiências, entre professor-aluno, fazendo estreitar os laços de afetividade no que diz respeito ao processo de desenvolvimento cognitivo e social.

Como forma do estudo proposto, o primeiro capítulo abordará a experiência do trabalho desenvolvido durante o estágio curricular, a autonomia crescente percebida através das falas dos alunos, das relações entre os grupos de trabalho, nos desafios e nas soluções encontradas, na relação professor-aluno. Nos questionamentos e nos discursos, os educandos demonstravam que sabiam o que estavam falando e o que queriam realizar.

O segundo momento será de embasamento teórico, visando os princípios que regem os Projetos de Aprendizagem, a necessidade de que a criança tem de construir seu conhecimento a partir de suas curiosidades e de suas vivências, para que a aprendizagem tenha realmente significado para o aprendiz. Dessa forma, busca-se o aprofundamento no conceito de construção de conhecimentos de Piaget.

O terceiro capítulo terá como tema principal um estudo de caso com professores, de uma escola pública em que a proposta não é por Projetos, mas os professores podem aderir se quiserem. Serão elaboradas algumas questões sobre o trabalho com Projetos de Aprendizagem, para que sejam respondidas pelos professores, sendo feita uma análise posterior das entrevistas realizadas. Assim, procura-se uma relação da teoria com a prática desses professores, comparando com minha experiência de estágio, bem como problematizará a

importância dos Projetos de Aprendizagem no desenvolvimento da autonomia do aluno.

Com este trabalho não se esgota a questão levantada pelo estudo, apenas deixa-se como proposta projetos focados na tentativa de mudança e de cidadãos mais autônomos, visando uma reflexão mais atenta dos professores por esta forma de aprendizagem.

2 EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

O estágio curricular obrigatório ocorreu numa Escola Municipal de Ensino Fundamental, na cidade de Novo Hamburgo, com uma turma de 5º ano de alunos de, em média, nove anos, composta por 16 meninas e 9 meninos, sendo um grupo agitado e falante, contudo interessados nas atividades e em novos desafios. Sempre participaram ativamente das aulas, opinando, dando sugestões e trazendo de casa materiais interessantes destinados ao enriquecimento das aulas. A maioria dos alunos tem 10 anos e estavam cursando o 5º ano pela primeira vez, apenas dois alunos eram repetentes na série.

Todos os alunos moram com seus familiares no entorno da escola. São filhos de empregados das indústrias que se localizam perto do colégio ou donos de pequenos comércios como bazar, borracharia e minimercados. Seu nível socioeconômico é estável, todos possuem material escolar, são assíduos e comprometidos com a proposta da escola. É um grupo ativo, com bom relacionamento, uma vez que já se conheciam de anos anteriores. São ótimos alunos gostam de novidades, leem e escrevem relativamente bem.

Com o objetivo de dar início ao estágio e conhecê-los melhor, usou-se os primeiros dias de aula para conversas, levantamento de sugestões e curiosidades. Uma vez que toda a escola estava engajada em trabalhar a Copa 2010, nosso PA precisava estar inteirado com esse assunto. Sendo assim, as questões estavam relacionadas com o continente africano, o que gostariam de aprender, o que sabiam, enfim, abrir um leque de possibilidades para nossas aulas. Pretendia também com essa primeira semana de aula plantar uma sementinha de curiosidade sobre essa nova forma de trabalho. Os alunos ficaram eufóricos, à primeira vista, porque pareciam não acreditar que estavam

sendo questionados sobre o que queriam aprender, quais suas dúvidas e o que sabiam sobre o assunto que gostariam de estudar mais. Perguntavam-me se quando fôssemos até a informática pesquisariam sobre o assunto escolhido, ou eu daria o tema. Ouvindo-os, lembrei-me da ilustração do livro *Com Olhos de Criança* (TONUCCI, 1997, p. 119), no qual a professora pede uma pesquisa, e quando o aluno pensa em muitos assuntos que gostaria de pesquisar, a educadora dá o tema da mesma, o que acaba com toda a curiosidade e autonomia do aluno.

Nosso próximo passo foi pensar nas questões que norteiam o trabalho por Projetos, que são os elementos da metodologia:

- Questão de Investigação;
- Conhecimentos Prévios (Certezas e Dúvidas);
- Planejamento (O quê? Onde? Quando? Como?);
- Processo: Esclarecimento de Dúvidas e Validação de Certezas em busca de respostas para a Questão de Investigação;
- Coleta de Informações;
- Coleta de Dados;
- Entrevistas;
- Enquetes;
- Análise de Dados;
- Elaboração de Sínteses (respostas com evidências e argumentos).

E neste contexto diferenciado, nesta nova proposta de trabalho, por Projetos de Aprendizagens, nos quais os alunos são autores de suas aprendizagens, é importante levar em consideração alguns aspectos, como coloca Hernández (1998, p. 23):

Algumas ideias educativas e alguns conhecimentos psicopedagógicos que destacavam a importância dos saberes e das experiências prévias...; - A relação entre o currículo escolar e os problemas reais que são apresentados, pelas disciplinas, mas que permitem interpretar e abordar novos espaços de conhecimento

interdisciplinares e criar novos objetos de estudo; - O papel do diálogo pedagógico, da pesquisa e da crítica como atitude dirigida a favorecer a aprendizagem na aula, junto à postura ideológica de que a função da Escola não é encher a cabeça dos alunos de conteúdos, mas, sim, de contribuir para formá-los para a cidadania e oferecer-lhes, como já se indicou, elementos para que tenham possibilidades de construir sua própria história, diante da que vem determinada por sua condição de gênero, etnia, classe social ou situações econômicas.

2.1 Início do Trabalho

O estágio foi iniciado no dia 12 de abril com o questionamento sobre o Continente africano, lembrando a África do Sul, país sede da Copa de 2010. Pensou-se em desacomodá-los a ir além da Copa, a conhecer a África e nos reconhecer dentro deste continente. Foram feitas algumas questões, como: O que sabem ou o que ouviram sobre a África? O que gostariam de saber? Como imaginam este lugar? Quais suas curiosidades?

Este início de trabalho foi para instigar a fala e a curiosidade da turma, ajudando-a a pensar sobre este lugar que tanto contribuiu para a construção da cultura de nosso país e, ao mesmo tempo, chegar mais perto deste continente que, muitas vezes, parece esquecido por todos nós. Minha preocupação maior era se os alunos iriam se interessar por este assunto, porque embora estava relacionada com a Copa, a África ainda é um continente lembrado por muitos com preconceito e discriminação. Contudo, ensinar exige riscos, e acredito que as crianças vão para a escola também para aprender a olhar o mundo em que vivemos, falar sobre nossas etnias, admirar o que é diferente e neste contexto, Paulo Freire (1996, p. 36) coloca:

Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

Temos nas nossas escolas todos os tipos de etnias, já que somos um país colonizado por várias descendências. Porém quando falamos do negro,

muitas vezes nos calamos por não saber como lidar com o preconceito e pouco falamos sobre o assunto.

Os alunos logo demonstraram interesse no assunto, e fizemos uma listagem sobre o que gostariam de aprender sobre a África, então definimos sobre: a moda africana, os animais africanos e a Copa na África. Após as definições, os alunos se reuniram para debater o assunto e escolher um nome para o seu grupo. Foram passadas no quadro as questões: O que queremos aprender sobre o assunto? O que sabemos sobre o assunto? Quais as dúvidas que temos sobre o assunto? As questões foram respondidas no caderno.

Na mesma semana foi levado para a sala o Globo Terrestre e o Mapa Mundi, para localizar a África e para que pudesse explicar sobre os Continentes. Um pouco insegura, uma vez que ainda pensava na ideia de seguir o conteúdo curricular, que era estudar RS, pois no ano anterior os alunos estudaram os bairros e a cidade. No entanto Hernández (1998), deixa claro que o trabalho com projetos não segue uma linha reta. O desenvolvimento de um projeto não é linear nem previsível, seu curso se modifica de acordo com as curiosidades e descobertas do grupo. O professor também pesquisa e aprende, choca-se com a ideia de que se deve ensinar do mais fácil ao mais difícil, questionando a forma de começar pelo mais próximo (a moradia, o bairro, as festas etc..) da mesma maneira que se ensinam primeiro as vogais, depois as consoantes e assim consecutivamente, dosando o conteúdo pouco a pouco para não criar lacunas durante o processo de aprendizagem, abrindo as gavetinhas por partes até formar o todo e assim, com o tempo, o aluno estabelecerá as relações necessárias, para seu crescimento cognitivo.

A participação e os questionamentos do grupo me levaram a constatar que realmente os alunos são capazes de compreender nosso mundo de uma forma mais abrangente ou menos compartimentada. Os alunos logo se interessaram pelo assunto, pela distância entre a África e o Brasil, sobre a extensão territorial do continente africano, sobre o maior deserto do mundo que se encontra neste continente, sendo sua área maior que o Brasil. Por estas e outras informações tornou-se necessário que os alunos compreendessem a

dimensão. Um aluno questionou: “Como se mede a distância entre o Brasil e a África?” Nesse contexto trabalhamos as unidades de medidas. E mais uma vez burlei a linha reta do currículo, porque não estava nos conteúdos estudar unidade de medidas. Mais adiante, o grupo que estava trabalhando a Copa pesquisou as medidas de um campo de futebol oficial e mediram o campo da nossa escola, fazendo a relação entre os dois.

Desta forma, percebe-se o currículo integrado, defendido por Hernández (1998). Durante o desenvolvimento do trabalho os alunos perceberam a distância entre um ponto e outro, foi o momento certo para o professor introduzir o uso das medidas, sem se apegar ao currículo engessado da instituição escolar, já que, acontecendo dessa forma, partindo da curiosidade do educando, a aprendizagem permanece, porque foi significativa. Os alunos trouxeram fita métrica de casa e mediram tudo o que foi possível na sala de aula, e claro medimos o tamanho de cada um, inclusive o da professora. Nesses momentos é visível a construção do conhecimento.

Dessa maneira, o Projeto foi tomando forma, com as colaborações diretas dos alunos, com motivação por estar estudando o que escolheram, com muito diálogo, fazendo as modificações necessárias para que ficasse interessante aos olhos deles, porque acredito que só aprendemos e respeitamos o que nos interessa e nos dá prazer. Portanto o professor precisa proporcionar ao aluno que busque esta aprendizagem com autonomia, respeitando seu ritmo e sua forma de interação com o objeto de estudo. Lendo Freire (1996, p. 61), que fala: “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”.

Partindo das questões relacionadas sobre a África e contextualizando com a Copa do Mundo, percebeu-se uma grande carência de informações sobre este belo continente. Além disso, observou-se sobre a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória o ensino da História da África e do negro no Brasil e pensou-se na fala de Freire (1996, p.35):

A prática que busca uma construção do conhecimento deve levar o aluno a reconhecer sua identidade cultural e interagir com as outras possíveis culturas que façam parte da sociedade que está inserido.

Dessa forma, criou-se a importância de falar sobre respeito às etnias, não impondo ao outro a minha cultura, mas dividindo as informações, criando uma ponte de comunicação entre as diferenças e resgatando um pouco da memória e da cultura construídas pelos africanos em nosso país, que se mantém vivo na essência de nossa história. A cultura funciona no complexo individual/mundo, construindo/desconstruindo comportamentos, atitudes, crenças, ideologias, saberes, signos, atividades, instituições, valores éticos.

Penso que estes foram alguns pontos que nortearam este projeto, construir novos conhecimentos e desconstruir comportamentos e atitudes de preconceitos e saberes errôneos ou equivocados. Redescobrir a África como um lugar de gente que luta pelos seus direitos e pela cidadania que por muito tempo lhe foi negada.

Este Projeto foi realizado, com as colaborações diretas dos alunos. Com muito diálogo fazíamos as modificações necessárias para que ficasse interessante aos olhos deles, assim fomos construindo nosso conhecimento passo a passo. O planejamento era quase sempre modificado, porém com muito diálogo, ponderando os prós e contras, sem me eximir do meu dever de colocar limite na liberdade e autonomia dos alunos, para que o trabalho se transformasse em aprendizagem interessante. Outro fator importante na busca do conhecimento é encontrar soluções através do uso da tecnologia. Nossos alunos vivem ativamente a era digital, portanto é fundamental proporcionar aos educandos as ferramentas necessárias para pesquisar, buscar informações e construir seu conhecimento através da interatividade, como diz Fagundes (1998, p. 19) “Sem a tecnologia é quase impossível. A interatividade proporcionada pelos meios telemáticos acrescenta uma nova dimensão ao currículo: a criança vai estar no mundo.” E o papel do professor neste momento é mediar essas informações para que o aluno possa discernir o certo e o errado, tomar decisões, porque não há construção de conhecimento sem um mediador, sem o diálogo necessário entre educador e educando, como relata

Freire (1996) sobre a importância da mediação de dois seres pensantes que necessitam um do outro para aprender.

2.2 Mudanças Observadas na Postura dos Alunos

No decorrer do trabalho, percebi algumas mudanças positivas de postura e até mesmo atitudes dos alunos. Já não pediam mais tanto pátio e não tinham tanto interesse pelas “aulas livres”, como costumavam chamar o tempo destinado a brincadeiras livres.

Seus interesses eram sobre suas descobertas e, não raras vezes, me encontravam na porta da sala, mostrando-me materiais sobre o projeto: recortes de jornais, pesquisas na Internet, objetos e até relatos que ouviam de familiares ou conhecidos. Uma aluna escreveu em casa um texto sobre suas aprendizagens, e o que mais lhe havia chamado atenção ao longo das aulas. Então tivemos a ideia de criar na sala de aula um espaço que chamamos de *Mural das Curiosidades*, e cada material interessante trazido por eles ficava exposto para que todos pudessem compartilhar com a turma qualquer assunto que lhe fossem significativos.

O diálogo era constante na sala, sempre muito questionadores, as aprendizagens eram construídas nas trocas de ideias, nas perguntas e respostas, muitas vezes respondidas pelos alunos. A interação do grupo estava estabelecida e os educandos sempre prontos a compartilhar suas descobertas, como coloca Lindgren (1975, p.143):

Depende da eficiência da comunicação na sala de aula a possibilidade de o professor ajudar os alunos a atingir “insight” ‘e compreensão genuínos quanto a seu próprio comportamento como indivíduos e como grupo. A boa comunicação é necessária quando se pretende que os estudantes entendam o que estão fazendo. Eles devem ser capazes de trocar ideias com o professor e entre si, fazer perguntas e esclarecer pontos duvidosos e exprimir ideias e sentimento.

A cada semana me surpreendia com a autonomia desenvolvida pelos alunos e a capacidade que demonstravam de irem além do que estava

planejado, de buscarem alternativas para a realização das atividades e, muitas vezes, me questionarem a respeito do trabalho proposto, modificando meu planejamento e, o melhor, sugerindo como poderíamos melhorá-lo, para que o mesmo viesse ao encontro de seus interesses. Dessa forma, aprendo que é necessário oportunizar, não levar um planejamento fechado como um projeto a ser somente executado, e sim deixá-los vivenciar cada aula no tempo deles, e não no tempo que planejei.

É desta forma que o trabalho com Projetos de Aprendizagem abre caminhos, uma vez que propicia ao educando ir além do conteúdo básico, dando-lhe autonomia para avançar. É um convite a soltar a imaginação e apropriar-se de conhecimentos que realmente lhe interessem, sendo frutos de suas escolhas. Nesse contexto, assim como o aluno, o professor também se desacomoda, pois necessita pesquisar, buscar conhecimento para melhor apoiar seus alunos, tendo uma reflexão crítica sobre sua prática e consciência para assumir que não sabe tudo. E com isso, o educador aprende a ter paciência, que o planejamento pode ser retomado, modificado, já que o ensino-aprendizagem deve ser construído coletivamente entre o que ensina e o que aprende.

3 O CONCEITO DE AUTONOMIA

Na linguagem geral, autonomia significa independência, liberdade de ação, moral e intelectual. Revela a situação de quem tem liberdade para pensar, decidir, agir, enfim independência.

Segundo Piaget (1971), a autonomia significa ser governado por si mesmo, sendo o oposto de heteronomia, que quer dizer governado por outra pessoa, sem autonomia de si. Na educação, entende-se que todos nós nascemos e dependentes, conseqüentemente, heterônomos, e no decorrer de nossa existência vamos aprendendo a nos governar, e à medida que esse processo vai ocorrendo, menos somos governados por outras pessoas.

Piaget também coloca que os sujeitos respeitam regras de diferentes maneiras. Sendo assim, a autonomia se caracteriza pelas condições que o sujeito possui de tomar decisões com responsabilidade, levando em consideração o outro, colocando-se no seu lugar e agindo sempre com cooperação, ouvindo o que tem a dizer. Assim coloca Freire (1996, p. 120): “Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura.” Dessa maneira vai se alcançando a autonomia, de forma gradativa, escolhendo, decidindo e cooperando voluntariamente com o próximo. Entretanto somente será possível essa evolução se o sujeito participar da construção de seu conhecimento. Nesse sentido, torna-se importante a intensificação das relações professor-aluno, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo desta construção.

Na teoria de Piaget (1971), o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e um afetivo. O afeto

inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa. Essa questão ficou clara, em um momento na sala de aula, quando uma aluna se negava a participar de um teatro, dizendo apenas que não gostava de representar. Enquanto os colegas se organizavam, conversando com ela disse que, muitas vezes, precisamos ter coragem, para vencer nossos medos, nossa vergonha e nos dar a chance de fazermos coisas diferentes. A aluna resolveu participar do teatro, foi a atriz principal, e enrolada em uma cortina que improvisamos como vestido, ela representou a lemanjá. No final ela disse: “Ah! Profe, vamos fazer de novo né? Outro dia.” Então questioneei se ela tinha gostado. Ela respondeu: “Ah! Eu estava com vergonha, mas é tão legal, eu gostei.” Nesse momento da aprendizagem, a ação se constituiu através da afetividade.

Para Piaget (1971, p. 271):

A vida afetiva, como a intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações, são não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Nesse contexto, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo ou vice-versa.

Sabendo que a autonomia é uma aquisição que se adquire com o tempo e a maturidade, cabe ao professor, juntamente com a família, intermediar esse amadurecimento, pensando no processo da aprendizagem de formar educandos autônomos, conhecedores de seus direitos e deveres. Precisamos ter a dimensão de nossa responsabilidade, de mediador, percebendo como é fundamental respeitá-los. Dessa forma cabe ao educador mediar esse processo, tendo comprometimento com a educação e com seus alunos, tendo consciência de que o conhecimento não é mera transferência, como fala Vasconcellos (1993, p. 45):

Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento onde se entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim, compreende-se que o conhecimento não é "transferido" ou "depositado" pelo outro, nem é inventado pelo sujeito, mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo.

Nesse contexto, percebe-se que a aprendizagem acontece de forma gradativa e de interação com o meio, desenvolvendo assim a autonomia.

Para Piaget (1971), a autonomia permeia dois caminhos: moral e intelectual, sendo a autonomia moral o surgimento dos primeiros sentimentos morais, um conjunto de regras e princípios de decência que orientam a conduta das pessoas de um grupo social. Quando se percebe o raciocínio das crianças de uma forma abrangente, sobre questões morais, constata-se que os conceitos morais são construídos do mesmo modo que os conceitos cognitivos. Sendo assim, no domínio moral, autonomia significa ser governado por si mesmo, tomar decisões próprias e agir de acordo com a verdade e com seu entendimento. E a autonomia intelectual, aparece na inteligência, na arte do pensar, nas atividades que envolvem estudo e raciocínio. Kamii (1984, p. 33) *apud* Piaget (1971), declarou que: "...a finalidade da educação deve ser a de desenvolver a autonomia da criança, que é, indissociavelmente, social, moral e intelectual." Desta forma, fica claro que a autonomia não se dá sozinha e não acontece de forma isolada, ela depende da interrelação de vários fatores, entre eles o social, o moral e o intelectual.

Sendo assim, o docente necessita buscar desenvolver, de forma prazerosa e consciente, a autonomia, tendo segurança para explicar seu raciocínio, ou ponto de vista, mas simultaneamente compreender a colocação ou ponto de vista do outro, concretizando assim, a aprendizagem.

3.1 Aprendizagem com Autonomia e a Relação Professor

Aluno

Quando se fala em aprendizagem, como uma mudança relativamente aparente, significativa, falamos do produto da ação do sujeito sobre o objeto. É um processo de constituição, de construção do objeto, através das ações do

sujeito sobre o mesmo e da tomada de consciência das coordenações das ações utilizadas nessa constituição. Está incorporado ao indivíduo não somente em situação temporária, mas por um tempo razoável.

Conforme os estudos de Piaget (1971), o que caracteriza o aspecto cognitivo das condutas é sua estrutura, trata-se de esquemas de ações elementares, de operações concretas de classificação ou seriação. A aprendizagem está, dessa forma, subordinada ao processo de desenvolvimento, sendo assim, o processo de ensino deve mover-se no sentido de mexer com os esquemas de assimilação, para promover a aprendizagem com autonomia é necessário uma prática do professor que tenha por base os desenvolvimentos cognitivos, afetivos e sociais.

Muitas vezes o aluno chega à escola, com problemas familiares, e se o professor não estiver atento, pode não alcançá-lo naquele momento para uma aprendizagem significativa. Freire (1996) fala do bom senso, do compromisso enquanto professor, em perceber que o aluno não está bem, que precisa de um carinho, de uma atenção especial. É importante que a criança perceba que pode contar com o professor, que existe uma cumplicidade entre ambos, porém, para isso acontecer, quem deve dar o primeiro passo é o professor, que precisa conquistar a confiança do aprendiz. Essa relação também faz parte do processo ensino-aprendizagem, e é fundamental que a criança se sinta amada como ela é, com atenção no que ela produz, dentro de suas condições cognitivas.

Piaget fala da ligação entre a afetividade e a inteligência (1971, p. 190):

Tanto no agir como no conhecer a inteligência e a afetividade são inseparáveis. Todo ato intelectual vem ligado a algum sentimento ou interesse. De outra parte, cada disposição de sentimento, cada sensação, cada interesse, cada emoção encerra uma estrutura e com isso o vestígio de uma elaboração intelectual.

Portanto, o aluno necessita estar bem emocionalmente, com autoestima elevada, para desenvolver-se plenamente. Com esse olhar, o aluno deve ser desafiado a aprender, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a

encontrar soluções, aprender a viver coletivamente. O professor precisa estar atento e, através do seu fazer pedagógico, criar oportunidades para o conhecimento ser construído, de maneira que a autonomia se constitua naturalmente. Sendo assim, o educador tem o compromisso de proporcionar ao sujeito condições e atividades que lhe permitam produzir, permanentemente, seu próprio conhecimento em um processo de interação saudável. Estar comprometido, como educador é ser capaz de agir e refletir, usar recursos, tecnológicos, metodologia adequada, ter uma participação ativa e contributiva, deixando sua marca sem alienação, insegurança, sem medo de correr risco, de criar, já que o discente só conseguirá crescer em sua plenitude se tiver ao seu lado um mediador que lhe apóie e lhe dê segurança para ousar. Como diz Freire (1996, p. 95):

Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos.

O professor é, sem dúvida, o maior responsável pelo desenvolvimento do aluno. Ele deve estabelecer uma relação direta de afeto e cumplicidade, além de respeito mútuo: respeito do professor com o aluno como ser humano, que traz consigo uma bagagem de conhecimento de mundo e um ritmo próprio de aprendizagem.

A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, a Lei 9.394, promulgada em 1996, trouxe para os meios acadêmicos a chamada Agapedia, isto é, a pedagogia do amor. É a LDB que ampara e nos oferece os dois mais importantes princípios dessa pedagogia: o respeito à liberdade e o apreço à tolerância. Ambas, tem por fim o pleno desenvolvimento do educando, tendo como princípios básicos a liberdade e solidariedade humana, seu preparo para o exercício da cidadania ativa e sua qualificação para o mundo do trabalho.

Somente é possível desenvolver aprendizagem com autonomia na aquisição de conhecimentos e na formação de valores e atitudes, se elevarmos a autoestima do aluno, que deixa de ser um ouvinte, passando a ser sujeito em suas ações, não somente na escola, mas em todos os aspectos de sua vida. Dessa forma, a relação professor-aluno e entre colegas deve ser próxima, intensa e aberta o suficiente para permitir as trocas afetivas e favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem.

Aluno e professor precisam ser eternos aprendizes e, na minha experiência de estágio, muitas vezes aprendi com os alunos, principalmente nas aulas de informática, eram eles que me ensinavam a manusear o computador e abrir os programas necessários para desenvolver o trabalho. Como era importante para eles mostrar ao professor seus conhecimentos e ouvir: Muito obrigado, por me ajudar e me ensinar. Muitas vezes levava desafios, brincadeiras, geralmente para exercitarem o raciocínio lógico, para que resolvessem, no decorrer da aula. Com o tempo, os alunos começaram a trazer desafios para que eu resolvesse também. E assim, aprendemos com qualidade formal e política, buscando a transformação de uma sociedade mais humana, mais solidária, com cidadãos conscientes de suas responsabilidades, possibilitando que a mesma se torne mais digna, humanitária, democrática e autônoma. Freire (1996, p.71), enfatiza a importância do educador conhecer o processo da aprendizagem e se interesse pelos alunos como seres humanos em desenvolvimento:

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda-o de forma construtiva, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para seus problemas, tornando-a responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem.

Com ações simples, como um olhar compreensivo, um sorriso, um carinho, se envolver com o que o aluno gosta, faz com que ele se sinta importante e capaz. Outro fator importante é conversar, dizer se gosta, falar dos meus sentimentos, do que tenho dificuldades, medos, para que o aluno

perceba não o estereótipo do professor perfeito, mas um ser humano com dúvidas, apreensões, capaz de pedir desculpas, de errar e acertar, mas, principalmente, capaz de rever seus conceitos, sua visão de mundo, aprender com o grupo. E, naturalmente, acreditar no potencial e habilidades de seus alunos.

3.2 Projetos de Aprendizagens no Desenvolvimento da Autonomia

Desenvolver autonomia é promover o máximo de opções possíveis. Os alunos necessitam estar conscientes de como conseguem aprender, construindo sua confiança diante de novos desafios de aprendizagem. Os Projetos de Aprendizagens norteiam esse saber, desacomodando o aluno e convidando-o a pensar, a elaborar questões que realmente vão abrir possibilidades para novas reflexões e aprendizagens.

O trabalho por projetos possibilita aos alunos escolher assuntos que querem aprender, o que consideram importante aprender, buscando as formas que julgam mais atrativas para realizar as aprendizagens. No trabalho por projetos, os alunos são protagonistas de seus desafios, enquanto o professor assume o papel de organizador, ajudando no decorrer do processo, contribuindo com seu conhecimento, no entanto, sem impor sua forma de realizar as atividades.

Como diz Vasconcellos (1993, p. 35),

para ajudar o aluno a entender a realidade, a se posicionar, o professor lança mão da cultura acumulada pela humanidade; diante dos desafios da realidade, coloca o aluno em contato com este saber. Esse é um aspecto fundamental da concepção dialética da educação, qual seja, a não 'autonomização' da pedagogia em relação à sociedade.

O papel do professor, portanto, é ajudar a mediação aluno-conhecimento-realidade.

Outro fator importante é a organização coletiva que os educandos precisam ter para buscar materiais necessários, criando estratégias para a realização das atividades a serem desenvolvidas, como coloca Fagundes (1998, p. 27):

A situação de projetos de aprendizagem pode favorecer especialmente a aprendizagem de cooperação, com trocas recíprocas e respeito mútuo. Isto quer dizer que a prioridade não é o conteúdo em si, formal e descontextualizado. A proposta é aprender conteúdos, por meio de procedimentos que desenvolvam a própria capacidade de continuar aprendendo, num processo construtivo e simultâneo de questionar-se, encontrar certeza e reconstruí-las em novas certezas.

Com a responsabilidade de desenvolver o projeto, o aluno ganha motivação, porque se encontra como integrante ativo do trabalho, e, sendo assim, tudo o que fizer terá significado, uma vez que está vivenciando suas descobertas, tornando-se sujeito de suas ações, como coloca Demo (2000, p. 30):

O aluno-objeto é aquele que só escuta aula, e a reproduz na prova. O aluno-sujeito é aquele que trabalha com o professor, contribui para reconstruir conhecimento, busca inovar a prática, participar ativamente em tudo.

Quando temos a intenção de formar cidadãos para um desenvolvimento humano, comprometido com a melhoria da sociedade, precisamos, enquanto educadores, ir ao encontro à curiosidade do aluno, desafiando-os a pensar.

Zabala (2002) nos alerta sobre o modelo de cidadãos e cidadãs que queremos, sendo que a resposta é acordada por quase todos, que esta deve ser: Formar pessoas que sejam capazes de responder e resolver problemas que a vida lhe coloca, sendo comprometidos com a melhoria da sociedade. Ainda nos coloca (p. 55) que:

O sistema educativo tem de formar cidadãos e cidadãs autônomos, capazes de compreender o mundo social e natural em que vivem e de participar em sua gestão e melhoria de posições informadas, críticas, criativas e solidárias. Para isso, é preciso que cada pessoa possa compreender a si mesma e aos demais por meio de um melhor conhecimento do mundo.

Esse contexto abre caminhos para os Projetos de Aprendizagens, no qual o aluno tem liberdade para intervir na sua aprendizagem, em ação conjunta com o professor, que deve estabelecer objetivos e exigir que as metas sejam cumpridas, pois toda ação educativa necessita saber o que se quer, por isso é fundamental ter uma direção.

Ensinar para a complexidade, para a resolução de problemas, para a busca da autonomia com responsabilidade, refletindo sobre a aprendizagem, mas também sobre os valores recebidos e que vão formando o caráter de uma pessoa, portanto, precisamos educar para novos horizontes, ajudando no processo do desenvolvimento do potencial do ser humano. Por isso é importante o professor escolher uma prática de ensino, tendo consciência que a opção metodológica não é neutra, ela contempla escolhas importantes tendo nossa visão de conhecimento, sociedade, comprometimento com o tipo de homens que queremos formar, num processo de construção de conhecimento.

Os Projetos de Aprendizagens proporciona essa prática que constitui um desafio para repensar a escola numa perspectiva relacional do que supõe ensinar, Hernández (1998, p. 33), coloca assim:

a) Questionar toda forma de pensamento único, o que significa introduzir a suspeita sobre as representações da realidade baseada em verdades estáveis e objetivas.

b) Reconhecer, diante de qualquer fenômeno que se estude, as concepções que o regem, as versões da realidade que representam e as representações que tratam de influir em e desde elas.

c) Incorporar uma visão crítica que leve a perguntar-se quem beneficia essa visão dos fatos e a quem marginaliza.

d) Introduzir, diante do estudo de qualquer fenômeno, opiniões diferenciadas, de maneira que o aluno comprove que a realidade se constrói desde ponto de vista diferentes e que alguns se impõem frente a outros nem sempre pela força dos argumentos, e sim pelo poder de quem estabelece.

e) Colocar-se na perspectiva de um certo “relativismo”, no sentido de que toda a realidade responde a uma interpretação, e que as interpretações não são inocentes, objetivas e nem científicas, e sim interessadas, pois amparam e mediam visões do mundo e da realidade que estão conectadas a interesses que quase sempre tem a ver com a estabilidade de um *status quo* e com a hegemonia de certos grupos.

Desse modo, entende-se que o mundo está sempre em movimento e que precisamos tomar decisões, senão é provável que alguém as tome por nós, e para escolher e decidir por nós mesmos é preciso aprender a pensar. E, para isso acontecer, o professor não pode estar engessado a um currículo tradicional e sim a um conjunto de ações e reflexões que possibilitam garantir a construção do conhecimento e aprender com significado. Assumindo um papel fundamental de mediador na construção das relações interculturais, promovendo processos de interação entre alunos e o conhecimento.

No início do ano letivo, os alunos pareciam condicionados a usar a borracha toda vez que eram indagados pelo professor, se estavam fazendo um cálculo simples de multiplicação, mesmo com a resposta correta, se eu perguntasse: “Tu tens certeza que a resposta é esta?” Sem pensar, apagavam imediatamente. Então colocava minha ideia: “Eu não disse que estava errado, apenas te questionei, agora calcula novamente, e então qual foi o resultado?” Eles me olhavam assustados e diziam que tinha sido o mesmo, porém se eu mandasse apagar, mesmo com o resultado correto eles apagariam novamente.

Com o tempo, e no decorrer do trabalho, perceberam que precisavam acreditar no que tinham feito, realizado. Hoje, quando são questionados, logo conferem e, muitas vezes, me questionam, então se percebe claramente a autonomia e o ato do pensar. Partindo do que o aluno já sabe, de suas hipóteses, para uma aprendizagem significativa, assumindo como princípio básico a atitude favorável para o conhecimento, em uma sequência de

conteúdos que facilite sua compreensão, porém o educador deve estar ciente de que esta sequencia é um ponto de partida não uma finalidade, uma vez que poderá ser modificada se os alunos assim desejarem, pois o importante é o aluno compreender as diferentes atividades que se desenvolve em um Projeto, ajudando-os a serem conscientes de seu processo de aprendizagem. Assim coloca Hernández (1998, p. 63):

Definitivamente, a organização dos Projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento tem lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. Esta seria a ideia fundamental dos Projetos.

Deve-se permitir ao aluno buscar seu conhecimento, através das questões elaboradas por ele. Sendo assim ele vai buscar a resposta para sanar suas curiosidades, dúvidas e indagações com mais motivação e, dessa forma, mais interesse pelo objeto de estudo.

Outro fator relevante dos Projetos de Aprendizagens é desacomodar o professor, partindo da máxima que somos eternos aprendizes. O professor é convidado a buscar novos conhecimentos, saindo do comodismo de dominar o conteúdo, a aventura-se num ambiente de inovação, de curiosidade. Freire e Demo são unânimes em colocar que o professor deve ser um eterno pesquisador, e Hernández (1998) completa que o professor pesquisa e aprende, que não há ensino sem pesquisa, sem busca. Assim diz Freire (1996, p. 29):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Demo reitera (2000, p. 38):

É condição fatal da educação que o professor seja pesquisador. Não precisa ser um profissional da pesquisa, como seria o doutor que apenas ou sobretudo produz pesquisa científica. Mas precisa ser, como profissional da educação, um pesquisador. Tratando-se do ambiente escolar, prevalece a pesquisa como princípio educativo, ou o questionamento reconstrutivo voltado para a educação do aluno.

Sendo assim, o professor passa de mero transmissor, para um aprendiz ativo, buscando uma parceria com seus alunos nas trilhas do conhecimento, desconstruindo velhos conceitos, para construir novos, dentro de alicerces firmes, bem fundamentados em nossas experiências e pesquisas.

4 O PENSAMENTO DE ALGUNS PROFESSORES SOBRE O TEMA INVESTIGADO

Procurando ampliar minhas buscas sobre o tema: “Projetos de Aprendizagem, Desenvolvendo autonomia em sala de aula”, foi realizada a pesquisa, abaixo discriminada, como forma de saber o que pensam os professores sobre o assunto, se trabalham ou já trabalharam com Projetos de Aprendizagem e se acreditam que o trabalho por Projetos ajuda a desenvolver a autonomia do educando.

Foram entrevistadas seis educadoras, de diferentes séries: uma professora do Jardim nível 5, duas professoras do 1º ano (9 anos), uma professora do 2º ano (9 anos), uma professora do 3º ano (9 anos) e uma professora do 5º ano (9 anos), ambas de uma escola do município de Novo Hamburgo.

Cada entrevistada respondeu as cinco questões que se encontravam em um guia de perguntas. A entrevista seguiu a estruturação planejada. Entre as principais vantagens das entrevistas podemos destacar as seguintes: a possibilidade de acesso a uma grande riqueza informativa, a de o investigador esclarecer alguns aspectos no seguimento da entrevista e a de fazer o investigador refletir sobre o assunto por outro ponto de vista, que não seja o seu.

As questões abordadas foram as seguintes:

- 1- Qual a série em que atua?
- 2- O que você pensa sobre Projetos de Aprendizagens?
- 3- Você trabalha ou já trabalhou com Projetos de Aprendizagens?
- 4- Você acha possível trabalhar com Projetos de Aprendizagens?

5- Você acredita que o trabalho com Projetos de Aprendizagens ajuda a desenvolver a autonomia do aluno? Por quê?

Análise das entrevistas:

De acordo com a segunda questão: “O que você pensa sobre Projetos de Aprendizagens?”

A entrevistada “**A**”, respondeu que “acredita que é um meio de direcionar melhor o trabalho em sala de aula, além de englobar diversos conhecimentos dentro de um assunto que seja do interesse do grupo.” A fala desta entrevistada me leva a pensar sobre a palavra “direcionar”, será que no Projeto de Aprendizagem, direcionar melhor o trabalho não tira um pouco da liberdade de expressar-se do aluno? Fagundes (1998) fala das diferenças entre Projetos de Ensino e Projetos de Aprendizagem, sendo o primeiro controlado pelo professor.

Respondendo a mesma questão, a entrevistada “**B**”, coloca que: “São ótimos para despertar o desejo e a curiosidade para aprender”. Completando a questão a entrevistada “**C**”, fala que: “Os projetos são ótimos, pois abrangem muito mais do que o planejado pelo professor, desperta o desejo e a curiosidades do aluno.” Dessa forma, essas professoras acreditam que os projetos atizam a curiosidade do aluno, indo muitas vezes além do que o professor ousou pensar. Durante minha prática de estágio trabalhando com PA, meus alunos foram além do que havia planejado. Um exemplo disso foi quando fomos pesquisar no laboratório de informática sobre os países africanos que falam português, os alunos encontraram máscaras africanas e se encantaram por elas, e queriam fazer, sendo assim, antes de continuar com o planejamento, estudamos sobre as máscaras africanas, em que ocasiões são usadas e por que e, obviamente, construímos as máscaras, ficaram lindas.

A entrevistada “**D**”, coloca que: “Projetos de Aprendizagens são importantes para o desenvolvimento dos alunos e complementam o trabalho em sala de aula.” Penso que essa resposta está um pouco equivocada, pois o trabalho por projetos não é necessariamente complementar o trabalho em sala de aula, e sim construir aprendizagem. Como diz Fagundes (1998), é permitir

que o aluno seja autor de seu conhecimento, a partir de sua curiosidade, de suas dúvidas.

Ainda sobre a segunda questão a entrevistada “E”, pensa que: “É uma excelente oportunidade para que o aluno possa interagir com sua aprendizagem, um momento onde podemos ser criativos, críticos e crescer como sujeitos.” Com certeza o PA, proporciona estes momentos de ser criativo, crítico e crescer como sujeitos, porém o aluno não interage com sua aprendizagem. Piaget (1971) coloca essa interação entre sujeito e o objetivo de conhecimento, dessa forma a aprendizagem é o produto da ação do sujeito sobre o objeto.

Finalizando a questão número dois a entrevistada “F” responde que: “Penso que são possibilidades muito boas para alunos e professores que ficam motivados, buscando assuntos do seu interesse onde aprendem juntos.” Com certeza o professor também ganha trabalhando com PA, porque ao desacomodar o aluno, o professor se obriga a desacomodar-se, já que o educador necessita buscar conhecimento. Hernández (1998) coloca os projetos de trabalho como favorecedor da pesquisa para o aluno e professor, que caminham juntos em busca da aprendizagem.

Ao analisarmos as falas das entrevistadas, percebe-se que existe para algumas pequenas confusões entre Projetos de Aprendizagens e Projetos de Ensino, que o pensar sobre os Projetos de Aprendizagens ainda é, para muitos educadores, algo a ser descoberto, que o aluno é o ser ativo, e o papel do professor é estimular e orientar, dando liberdade para o aluno pensar. Fagundes coloca claramente o que é a aprendizagem por projetos (1998, p. 16):

Quando falamos em aprendizagem por projetos estamos necessariamente nos referindo à formulação de questões pelo autor do projeto, pelo sujeito que vai construir conhecimento. Partimos do princípio de que o aluno nunca é uma tabula rasa, isto é, partimos do princípio de que ele já pensava antes.

Prosseguiu-se a entrevista com a terceira questão: “Você trabalha ou já trabalhou com Projetos de Aprendizagens? Como foi a experiência?”

A entrevistada “**A**” coloca que: Sim, geralmente trabalho com projetos. “As experiências foram ótimas, com frequência as crianças trazem novas ideias e sugestões.”

A entrevistada “**B**”, disse que: “Sempre que possível, pois o professor tanto quanto os alunos ficam motivados para novas descobertas é muito gostoso.” Completando a entrevistada “**C**”, também diz que: “Sim, é muito motivador para o professor e para o aluno, a aprendizagem acontece de forma prazerosa.” Nessas falas das entrevistadas percebe-se o fio motivador tanto da parte dos alunos quanto dos professores, que enxergam no trabalho por projetos, um caminho a ser desbravado por educando e educador numa parceria harmoniosa, pois somos sempre aprendizes.

Como diz Freire (1996, p. 58), “E na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados.”

Dando continuidade à terceira questão, a entrevistada “**D**”, coloca que: “Como acredito que esse trabalho é importante, trabalho com essa metodologia e a experiência e o retorno é válido.” Podemos entender que a entrevistada “**D**” trabalha sempre por projetos, porém Hernández (1998) contrapõe que os projetos não deveriam ser considerados como métodos, já que quando falamos em metodologia, pensamos em algo predeterminado, no qual os alunos podem aprender correta e adequadamente, todos ao mesmo tempo, de uma forma mais rígida e estática. E não é este o caminho dos projetos, pois nada é fechado, e nunca sabemos os caminhos que as descobertas vão nos levar, não temos uma regra predeterminada, e o educador também transita em terreno desconhecido, sem a segurança de ensinar apenas o que já sabe, para caminhar um caminho de incertezas e avançar no conhecimento, que como bem coloca Hernández (1998, p. 77): “...é transitar por um caminho aberto e repleto de incertezas, como um caminho que nos ajuda a avançar no

conhecimento e que é tão real como a incerteza e imprevisibilidade da própria vida.”

A entrevistada “E” também já trabalhou por projetos e nos diz: “Sim, trabalho sempre que sinto necessidade. É sempre desafiador e prazeroso poder realizar um projeto, desde que os alunos estejam interessados no assunto”. A colocação da entrevistada formula uma dúvida: Se os projetos nascem da curiosidade dos alunos, porque não estariam interessados no assunto? Claro que pode acontecer, dos alunos se cansarem sobre o que escolheram, ou então esgotar o assunto, mas Fagundes (1998) deixa claro que a curiosidade e a motivação é intrínseca do ser humano e, portanto, o aluno necessita ser desafiado a pensar, a buscar respostas.

A entrevistada “F” coloca o seguinte: “Sim. Iniciei o trabalho em 2010. Foi bem gratificante. No primeiro semestre os alunos desenvolveram um projeto que durou dois meses e meio. Agora iniciaram outro e estão bem engajados.” Essa resposta nos faz entender que não passamos o ano inteiro trabalhando por projetos, mas que no momento em que instigarmos nossos alunos a formular questões dando-lhe oportunidades, os projetos vão acontecendo.

A quarta questão é sobre a possibilidade de desenvolver projetos com alunos de qualquer idade: “**Você acha possível trabalhar com Projetos de Aprendizagens em qualquer série?**”

A entrevistada “A” acredita que sim: “Em todas as séries é possível fazer um trabalho com projetos de aprendizagem, inclusive na educação infantil.” Os projetos de trabalho na educação infantil, podem ter início em hábitos simples, como contar uma história e dali mexer com a curiosidade do aluno, um passeio feito pelo grupo, ou até realizado por um dos alunos.

Logo a entrevistada “B” diz que: “Sim. Precisa de adaptações e vontade de fazer coisas novas, isto requer mais trabalho do professor.” Acredito que a última fala da entrevistada está no contexto do professor desacomodar-se, sair de sua rotina diária, buscando novos rumos para sua prática docente, dar adeus à segurança do tradicionalismo. Hernández (1998, p. 77) entende que: “Essa ilusão pela segurança leva muitos professores a

renunciar a sua própria busca, passando a depender do especialista curricular, que é quem estabelece os conteúdos que serão ensinados...”

As entrevistadas “C” e “D” dividem a mesma opinião e concordam que: “Sim. As adaptações são necessárias em todas as séries.” Um Projeto de Aprendizagem nunca será igual, mesmo quando duas professoras da mesma série compartilham a mesma pesquisa, uma vez que os grupos que constroem os projetos percorrem caminhos diferenciados, dependendo de suas questões e curiosidades e também do estágio de desenvolvimento em que se encontram.

A entrevistada “E”, também considera possível, como diz: “Acho possível na Educação Infantil e nas séries iniciais.” Nessa resposta, percebe-se que a entrevistada não engloba os projetos nas séries finais do Ensino Fundamental. A fragmentação do currículo por disciplinas talvez seja o entrave maior, para pensarmos que os projetos de aprendizagens não possam se estender aos alunos maiores, e aí lhe tiram o sabor de aprender o que realmente lhe interessa, e estabelecer relações entre as diferentes disciplinas, e muitas vezes nem o professor consegue fazer estas relações.

Fagundes (1998, p. 13) explica por que:

A grande maioria das metodologias educacionais, e de suas tecnologias, que atualmente são ensinadas nos cursos de formação de professores, mostram-se ineficientes para ajudar o aluno a aprender e desenvolver novos talentos. Não se sabe ajudá-lo a alcançar o poder de pensar, de refletir, de criar com autonomia soluções para os problemas que enfrenta.

Nesse sentido, tanto Fagundes quanto Hernández concordam que cabe ao professor mudar sua visão de treino e prática, para uma visão construtivista, percebendo que a função da escola não é só transmitir conhecimento é facilitar a construção e compreensão, como Piaget (1971) afirma que compreender é transformar e dar-se conta das leis da transformação.

A entrevistada “**F**” destaca que: “Sim, é preciso adequar aos interesses e a capacidade cognitiva da turma.” A fala desta professora vem ao encontro do que falamos anteriormente, sobre respeitar a fase dos estágios de desenvolvimento dos alunos, o que é fundamental tanto para manter o interesse, como também a construção da aprendizagem.

A última e quinta questão, é a seguinte: “Você acredita que o trabalho com Projetos de Aprendizagens ajuda a desenvolver a autonomia do aluno? Por quê?”

De acordo com a entrevistada “**A**”: “Com toda certeza, pois o aluno tem a oportunidade de dar sugestões, criticar e até mesmo levar o assunto para outros caminhos, que nem chegaram a passar pela cabeça do professor.” Os projetos têm realmente essa intenção, dar liberdade ao aluno para pensar e fazer seu próprio curso, desenvolvendo assim a autonomia.

A entrevistada “**B**” também concorda e coloca; “Sim, pois o aluno interage o tempo todo, tudo que se faz com prazer se guarda mais na memória, o que se decora se esquece, pois pode não ter muito significado.” Com certeza, o que aprendemos com emoção tem significado e, nesse contexto, o educador deve educar visando à inteireza humana, no qual o pensamento, a curiosidade, o interesse e os sentimentos devem estar em constante harmonia durante o fazer pedagógico, uma vez que estes são indispensáveis para a construção do conhecimento significativo e o desenvolvimento integral do educando.

Dando sequência à pesquisa, a entrevistada “**C**” tem uma visão interessante, vamos analisar: “Sim. Porque, através do projeto há uma interação entre professor e aluno, a participação de ambas as partes são mais efetivas tornando a todos cidadãos mais críticos e autônomos.” De fato a relação professor aluno se estabelece de uma forma mais direta e comunicativa, sem a máscara da autoridade, o professor se aproxima mais do aluno, pois é necessário o diálogo de ambas as partes para resolverem as situações que vão se desenrolando ao longo do trabalho. Nesse contexto, a autonomia acontece de forma natural, Kamii (1984) coloca como é ruim para a criança quando tem a dependência da autoridade do adulto, o que acaba

prejudicando seu desenvolvimento tanto da autonomia, quanto da lógica da criança.

A entrevistada “**D**” respondeu que: “Sim, pois com este trabalho os alunos têm mais interesse e interação, proporcionando assim, o desenvolvimento da autonomia, pois eles buscam e pesquisam.” A professora toca na pesquisa como forma de desenvolver a autonomia, o que nos leva a pensar no uso da tecnologia, como recurso inerente ao trabalho com pesquisa e nos abre portas para inusitadas possibilidades de práticas inovadoras.

Continuando com a pesquisa, a entrevistada “**E**” reforça o que já foi dito anteriormente, pelas entrevistadas: “Sim, pois ele está diretamente ligado ao tema, pesquisando, criando, interagindo, discordando e isso contribui para o desenvolvimento do aluno.” Podemos entender até aqui, que as entrevistadas tem uma compreensão, um pouco superficial sobre o que são Projetos de Aprendizagens, demonstrando muitas vezes não ter clareza sobre o assunto, pois mencionam apenas uma visão do senso comum sobre o tema. Palavras como: criticar, sugestões, interagir são sem dúvidas necessárias para o desenvolvimento da autonomia, porém o que precisa estar orientando a prática pedagógica é a visão construtivista do professor de trabalhar com os alunos a solução de problemas, é favorecer a autonomia em formular questões, em buscar informações contextualizadas.

Fagundes (1998) coloca da comprovação experimental e da análise crítica, o aluno necessita muito mais do que interagir, dar sugestões e criticar, o aluno precisa aprender a pensar por si só, a resolver conflitos, a ponderar, então teremos cidadãos mais críticos e autônomos.

Para finalizar a pesquisa, a entrevistada “**F**” aborda questões muito pertinentes e importantes, que são: interesse por diferentes fontes de informação, respeito pela opinião dos colegas e espírito crítico e investigativo.

Veremos na íntegra sua resposta: “O trabalho por projetos ajuda a desenvolver a autonomia dos alunos e também outras habilidades como o interesse por diferentes fontes de informação, respeito pela opinião dos colegas e espírito investigativo durante o desenvolvimento do projeto. Habilidades essas que levarão ao longo da sua vida.” Percebemos na fala da

entrevistada que suas colocações são pertinentes e vem ao encontro deste tema, porque objetivos do trabalho por projetos é sem dúvida, construir conhecimentos sobre o mundo à sua volta e não apenas sobre os muros da escola, é representar o conhecimento escolar baseado na aprendizagem da interpretação da realidade e vivência do educando, é educar para a vida.

Dessa maneira ao término da pesquisa fica o desafio de que os professores compreendam melhor o trabalho com Projetos de Aprendizagens, não confundindo com Projetos de Ensino, no qual o professor escolhe o que o aluno vai aprender deixando-o vez ou outra opinar, na sua aprendizagem, detendo todo o poder do planejamento, mascarando assim o processo ensino aprendizagem. Tonucci ilustra essa situação em seu livro *Com olhos de criança* (1997, p. 128) localizado no anexo B. Desenvolver autonomia dentro do fazer pedagógico, pressupõe o entendimento da necessidade da formação de um sujeito pleno que esteja em processo progressivo de estruturação, de sua razão, de sua emoção e de seu pensar, já que essas não são instâncias separadas no ser que aprende.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, podemos considerar que nossos alunos estão sedentos por novidades, que não se contentam com um currículo tradicional, que a tecnologia está cada vez mais fazendo parte de suas vidas dentro e fora da escola, que o currículo escolar está além da listagem de conteúdos. Nessa visão construtivista, os Projetos de Aprendizagem são horizontes, caminhos que se abrem a favor desta aprendizagem diversificada, caminhos esses que vem ao encontro de questões problematizadoras, que façam o aluno desacomodar-se de seu estado de inércia em sala de aula, despertando a vontade de pensar, de conhecer, de saber de buscar soluções ajudando-o a melhor entender o mundo e as pessoas.

Desenvolver autonomia parece algo simples de realizar em sala de aula, a palavra “autonomia” está em voga nos ambientes educacionais, todos os educadores falam sobre o assunto, em jornais e revistas sempre tem um artigo que nos remete ao tema, mas ao longo dos estudos e nas pesquisas realizadas, percebemos que um ser autônomo não é aquele que sabe levar o copo na cozinha, pedir a bola ou o caderno de chamada na secretaria, repetir um recado que a professora mandou. A autonomia é desenvolver a liberdade de ação e. para isso. precisamos praticar o exercício do pensar, desenvolvendo nossas próprias ideias, criando novas possibilidades, é levar o copo na cozinha escolhendo o caminho que vamos percorrer, é interpretar o recado da professora dizendo-o com nossas próprias palavras.

Nessa busca de formar cidadãos autônomos conscientes de seus direitos e deveres esbarramos em alguns entraves na educação, o Projeto Político Pedagógico que está defasado, o currículo engessado, como fala Cavalcante (2009, p. 14):

O currículo escolar foi compreendido e implementado como remédio. Prescrito por alguns e administrado a todos os alunos, a fim de transmitir conhecimento uniformemente, sem conhecer as diferenças estampadas entre os alunos.

Em conversas informais com professores, percebe-se uma resistência em praticar o trabalho por projetos, justamente pelo medo que tem de não darem conta dos “conteúdos” exigidos nas séries, ou ainda atropelar um assunto que estava interessante aos olhos dos alunos, por necessitar do tempo para introduzir matéria nova, preocupam-se com a pequenez de um currículo defasado e abrem mão de uma prática pedagógica coerente com seus discursos.

Na experiência de estágio, por vezes, me questionei sobre o que meus alunos estavam aprendendo e o que deveria ensinar pelos famosos planos de estudos, mas ao olhar seus rostinhos produzindo, inteirados na sua curiosidade, constatamos que a aprendizagem está ligada diretamente com a motivação do que se está aprendendo. Falar sobre continentes, sobre países africanos sem falar antes no estado do RS, no país, me parecia que seria impossível a compreensão dos alunos. Minha surpresa foi a facilidade com que aprenderam sobre isso e muitas outras informações sobre o continente africano.

Hernández (1998) questiona esta linha reta que o aluno primeiro necessita estudar sobre o bairro e depois sucessivamente, sempre iniciando pelo mais próximo. Constatei com a minha prática que não precisamos seguir todos o mesmo caminho, que podemos aprender com nossos alunos e construir conhecimento, numa aprendizagem mútua. Os educandos encontraram na escola, através do trabalho com projetos de aprendizagem, um ambiente onde puderam expressar seus sentimentos, suas dúvidas, buscar parceria com os colegas e professora para encontrar respostas para sanar suas questões e criarem novas, com a ajuda da tecnologia, das pesquisas, do diálogo. Viajaram no mundo insano da criatividade, pensaram, opinaram, questionaram, resolveram conflitos e geraram também, enfim vivenciaram o processo do trabalho ativamente.

Este estudo, como foi dito no início do trabalho, não tem a pretensão de esgotar as questões levantadas aqui, apenas relatar uma prática de estágio e desacomodar os educadores para uma reflexão mais crítica sobre a sua prática pedagógica e deixar como sugestão o trabalho com projetos de aprendizagem, para desenvolver autonomia em sala de aula, e, através da educação, contribuir para um mundo melhor, onde as pessoas possam construir suas vidas com bases sólidas, exercitando o pensamento, com diálogo e respeito à vida. Como coloca Gadotti, (1990, p. 261): “A escola é peça importante na conquista do poder autônomo, cultural, social e político...”

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência** – O dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação: **Lei nº 9.394/96**. 20 dez. 1996.
- DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**. São Paulo: Campinas, 2000.
- FAGUNDES, Léa da Cruz. **Aprendizes do Futuro**: as inovações já começaram. CAVALCANTE, Márcia H. **Revista Mundo Jovem um Jornal de Idéias**. Ano 47, nov. 2009. Porto Alegre: PUCRS, 2009.
- Coleção Informática para a Mudança na Educação**. 1998. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003153.pdf>> Acesso em: 02/10/2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Uma só Escola para Todos**: caminhos da autonomia escolar. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- KAMII, Constance. **A criança e o Número**. Campinas: Papirus, 1984.
- KESSELRING, Thomas. **Jean Piaget**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LINDGREN, Clay Henry. **Psicologia na Sala de Aula**. O aluno e o processo de aprendizagem. Rio de Janeiro: S.A., 1975.
- PIAGET, Jean. **A formação do Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: LCT, 1971.
- SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. TodoLivro, 1998.
- TONUCCI, Francesco. **Com Olhos de Criança**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

TONÚS, Nilce; LESSA, Heloisa Maria. **Revista Mundo Jovem um Jornal de Idéias**. Ano 46, mar. 2008. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do Conhecimento**. Cadernos Pedagógicos do Libertad, n. 2. São Paulo: Libertad, 1993.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo** – Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

ANEXO A – A PESQUISA



(1974) A escola ativa (1): a pesquisa

ANEXO B – A ESCOLHA



ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR:**Colega Educador!**

Para que possa aperfeiçoar minhas reflexões sobre o tema do meu trabalho de conclusão, “Projetos de Aprendizagem, Desenvolvendo autonomia em sala de aula”, gostaria que você respondesse as seguintes questões:

- 1) Qual a série em que atua?
- 2) O que você pensa sobre Projetos de Aprendizagens?
- 3) Você trabalha ou já trabalhou com Projetos de Aprendizagens? Como foi a experiência?
- 4) Você acha possível trabalhar com Projetos de Aprendizagens em qualquer série?
- 5) Você acredita que o trabalho com Projetos de Aprendizagens ajuda a desenvolver a autonomia do aluno? Por quê?

Agradeço a sua atenção e disponibilidade em responder a esta pesquisa.

